

INÊS MORRE

MIGUEL JESUS

TEATRO

EDIÇÕES GALATEIA

INÊS MORRE

Miguel Jesus

prefácio de Anabela Mendes

EDIÇÕES GALATEIA

Um atlas para Inês

“Somos sem saber os derradeiros
Representantes de uma estirpe

Depois disso
Não se morre nem se permanece vivo”

José Tolentino Mendonça¹

Desvendamento

Escrevo sob a inspiração de um extraordinário projecto inacabado que o historiador de arte alemão, Aby M. Warburg, nos legou. Faço directa referência ao seu *Atlas Mnemosyne* (1924-1929) através do qual, rememoração e actualização de narrativas, imagens, formas, experiências, inscritas num passado longínquo ou próximo, se podem transformar em dinâmicos processos de preservação da memória, quer esta seja individual, quer colectiva. Partilho a ideia, em que Warburg acreditava, de que a Antiguidade, em sentido lato e estrito, se mantém viva em distintas épocas e em diferentes lugares, permitindo que o legado comum da humanidade, aquele que se constituiu pelo sofrimento ou pela alegria das paixões elementares e suas representações visuais, gestuais ou outras, se possa manifestar de modo peculiar e inesperado, independentemente do enquadramento espaço-temporal que lhe subjaz na origem.

Warburg amou este seu projecto como mais nenhum outro antes. Não foi em vão que lhe deu como nome *Mnemosyne*, a fonte da

¹José Tolentino Mendonça 2009 *O viajante sem sono*, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 23.
Excerto do poema *I Know Where The Summer Goes*.

justiça que nunca é justiça, a inocência que se oculta na perversidade, a solidão que não vislumbra como se pode ser amado e ser feliz. Em cada uma destas proposições e em todas ao mesmo tempo entram as figuras históricas engendradas por Miguel Jesus, aquelas que conhecemos há muito. A tessitura original é recriada com a intenção de que uma coisa mostre a outra sem que haja substituição, a não ser quando se torna claro que a troca de papéis pode tornar-se num modo de realizar o que é a nossa medida e desmedida. Reconfigura-se, assim, a possibilidade de que a atribuição de diferentes escalas a uma história infinita seja capaz de convocar a força que a memória pode ter na recorrência da vida.

Com *Inês morre* Miguel Jesus passou a fazer parte dos criadores que buscaram no imaginário português inspiração fértil. Enquanto cria drama com as suas palavras, o autor faz-nos escutar música que nos enriquece, que nos abeira da autenticidade dos sentimentos primordiais e que em nós desperta compaixão.

Chegou Miguel Jesus ao Teatro o bando quando era esperado sem bem saber que o era, pois o que à sua espera estava assim estivera sem que ele o soubesse.

Anabela Mendes
Port Lockroy
Janeiro, 2011